

Vinícius Lummertz*

O Brasil entre Kissinger e Mark Rubio

O pensamento de Henry Kissinger continua sendo a referência para compreender a ordem internacional. Seu conceito de Cold Peace, paz fria, descrevia um mundo de tensões permanentes, mas estáveis, desde que respeitadas as esferas de influência. Para ele, o perigo não era a divisão do mundo em zonas de poder — “esferas de influência” —, mas a ilusão de que se poderia expandi-las indefinidamente. Foi essa lógica que o levou a criticar a ampliação da OTAN para o Leste, antecipando que a Ucrânia seria uma linha vermelha para Moscou. A guerra confirmou sua previsão. A lição é clara: sem cálculo sobre os limites de cada potência, a paz cede lugar ao conflito.

Hoje, em plena turbulência global, essa visão de paz fria e esferas de influência encontra eco em Donald Trump, que reposiciona os Estados Unidos perante a América Latina sob uma Doutrina Monroe reformulada. Por esse prisma, a América Latina é espaço vital de Washington a ser demarcada e não deve — ou não deveria — ficar demasiadamente sob influência de adversários como China e Rússia. Mas a engrenagem que sustenta essa estratégia vai além do personalismo de Trump. Um personagem em especial ajuda a entender essa nova política externa: Marco Rubio, senador da Flórida e atual secretário de Estado, filho de exilados cubanos expulsos de Cuba pela revolução comunista de Fidel Castro. Rubio cresceu no meio do trauma da expropriação; sua mãe trabalhou como empregada doméstica. Essa biografia produz o “realismo de Rubio” e molda em aço a sua percepção da região. Para Rubio, Cuba e Venezuela, com seus regimes comunistas e bolivarianos, não são apenas vizinhos incômodos, mas símbolos de uma ameaça existencial.

O realismo de Rubio tem peso político específico. A Flórida foi, por décadas, um “swing state” decisivo, inclusive no traumático episódio da eleição Bush vs. Gore, em 2000, decidido na Suprema Corte. Hoje, é um bastião republicano, central para a estratégia eleitoral do trumpismo. Por isso, Trump não pode se dar ao luxo de contrariar Rubio, nem quer. A linha da Flórida

virou linha central da Casa Branca. Essa combinação ajuda a explicar por que o Brasil entrou no radar com tanta força. Canadá e México já receberam recados; Colômbia e América Central, também. A Venezuela continua sob máxima pressão, com Nicolás Maduro “premiado” em US\$ 50 milhões, e navios americanos e submarinos nucleares patrulhando o Caribe. Nesse contexto, o que pensamos os norte-americanos para o Brasil, a maior economia da região, um dos dez maiores países do mundo, o sétimo em poder paritário de compra, com peso real na balança de poder? Concorde-se ou não com o Presidente dos Estados Unidos, vale a pena provocar?

Os riscos são evidentes. Há riscos econômicos, como tarifas sobre exportações e barreiras disfarçadas em pautas ambientais e de segurança. Há riscos políticos, como isolamento diplomático, se Brasília for vista como ambígua entre Washington e Pequim. E há riscos de segurança, com pressões indiretas na Amazônia e nas fronteiras, associando narcotráfico a terrorismo. A questão central é: o Brasil está fazendo análise de risco? Até aqui, o nosso debate público parece fragmentado em múltiplos episódios isolados de futebol político, misturando a radicalização dos conflitos internos com a pressão das tarifas, declarações e medidas pontuais, sem conectar o contexto maior. Parte da imprensa e da elite política analisa caso a caso, mas se concentra pouco no tabuleiro mundial, que está se reorganizando, que está pegando fogo, e aonde o nosso país poderá virar prêmio.

O Brasil, no entanto, não é um país qualquer. Nossa tradição diplomática é a de uma nação de paz, aberta e capaz de dialogar com todos. A cultura política brasileira sempre buscou o equilíbrio com inteligência. O Presidente Vargas soube negociar a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado das democracias liberais e, com isso, recebemos em troca a indústria de base que permitiu a industrialização do país. Fomos o único país latino-americano a combater os nazistas na Europa, e fomos, na ONU, o primeiro país a reconhecer o

Estado de Israel. Participamos de missões de paz reconhecidas mundialmente, construímos uma imagem de nação conciliadora e amiga de todos. Essa herança se soma à nossa identidade cultural: um país de imigrantes, realmente miscigenado, aberto, diverso, que soube conviver com conflitos internos e externos de forma diplomática. Essa tradição nos deu resultados concretos.

O Brasil tem hoje o quinto maior superávit comercial do planeta. Com a China, somos grandes fornecedores; com os Estados Unidos, importantes vendedores e compradores de bens de valor agregado. Os EUA seguem como nosso maior investidor, e a China como nosso maior cliente. Essa posição é estratégica e uma das melhores já conquistadas por um país emergente. Mais além disso, somos um país de grandiosas riquezas, vitais na atual guerra mundial sem nome. O fato é que lá fora sabem muito mais sobre nossas riquezas do que nós mesmos.

O risco, contudo, é esquecermos quem somos e poderemos ser, e, nesta amnésia, perdermos nossas conquistas e perspectivas. Ao agir a reboque dos fatos, sem cálculo estratégico, o Brasil corre o perigo de se colocar no pior dos mundos: hostilizado pelos EUA, desconfiado pela China e fragilizado internamente. A política internacional não é feita de gostos ou preferências, mas de cálculo sobre interesses nacionais. Por isso, Kissinger defendeu a paz-fria. Rubio e Trump também forçam por esse caminho. A China e a Rússia também sabem que suas posições na América Latina são lucro. O Brasil, esquecido de si mesmo, tem condições de enfrentar uma escalada de pressões? Aonde está o cálculo? Afinal, diplomacia é, antes de tudo, análise de risco.

Não podemos jogar tudo fora. Da melhor posição, passar para a pior posição. Isso poderá ser devastador e nos jogar 50 anos para trás. Buscar a Cold Peace, a paz fria, como concebida por Kissinger, é o nosso melhor negócio.

***Cientista Político. Foi Ministro do Turismo e Presidente da Embratur.**

Márcio Coimbra*

Imperialismo Disfarçado

A narrativa da Rússia como “aliado” ou “contrapeso” ao Ocidente no Sul Global é uma cortina de fumaça para práticas imperialistas que corroem a soberania de nações como o Brasil. Sob o manto do multilateralismo dos BRICS, Moscou avança seus interesses geopolíticos de forma predatória, explorando vulnerabilidades e promovendo dependência, com consequências graves e tangíveis.

O caso mais flagrante e preocupante é o complexo de drones em Alabuga, no Tatarstão. Relatórios investigativos (como os da Escola de Administração de Yale) denunciam práticas que beiram o trabalho forçado, onde estudantes estrangeiros – incluindo latino-americanos – são atraídos com falsas promessas e depois coagidos a produzir armas usadas na invasão da Ucrânia. Esta operação é um microcosmo do imperialismo russo moderno: apropriação de recursos humanos de países em desenvolvimento, subjugando sua soberania e força de trabalho para alimentar sua máquina de guerra ilegal, violando direitos humanos básicos e o direito internacional. O silêncio ou a passividade do Brasil frente a essa denúncia é uma convivência perigosa.

Este alinhamento subserviente foi escancarado pela presença do Presidente Lula no Desfile da Vitória em Moscou, evento que celebra o triunfo soviético sobre o na-

zismo, mas que Putin transformou em palanque de propaganda para justificar sua guerra atual. Ao lado de ditadores, Lula legitimou um regime agressor. Essa postura covarde se estendeu à Cúpula dos BRICS no Rio de Janeiro, onde o Brasil evitou deliberadamente qualquer menção à Ucrânia, enterrando a oportunidade de posicionar o país ao lado do direito internacional, da soberania das nações e das democracias que defendem estes princípios. Optou-se por um “neutralismo” que, na prática, beneficia o agressor e mina a credibilidade internacional do Brasil como defensor da paz baseada em regras.

As consequências desta política miope já se materializam no campo econômico. O aumento das importações brasileiras de diesel russo, comprado com descontos atraentes, mas em claro desafio ao embargo internacional liderado pelo G7, coloca o Brasil na rota de colisão com sanções secundárias. Empresas e instituições financeiras envolvidas nessas transações arriscam ser cortadas do sistema financeiro ocidental. O custo pode ser devastador: acesso restrito a mercados cruciais, dificuldades em transações internacionais e perda de investimentos. É uma aposta perigosa, especialmente para um país que já sofre com tarifas de importação dos EUA. Arriscar sanções mais amplas por alinhamento tácito com

a Rússia agravaria exponencialmente este fardo econômico.

Moscou não oferece uma parceria equilibrada ao Sul Global. Oferece dependência, risco geopolítico e a erosão da soberania – seja pela exploração de recursos humanos como em Alabuga, seja pela pressão para apoiar suas narrativas de guerra. O Brasil, ao abraçar essa relação de forma acrítica, afasta-se dos valores democráticos, enfraquece sua posição internacional e hipoteca o futuro de sua economia. Defender a verdadeira soberania significa rejeitar o imperialismo russo, condenar suas agressões e realinhar o país com os princípios da Carta da ONU e das democracias que os defendem, antes que o custo se torne insustentável. O preço da subserviência ideológica diante da autocracia do Kremlin é alto demais para uma democracia que corre o risco de se afastar de forma definitiva das boas companhias.

***CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal.**

EDITORIAL

Alerta para as doenças respiratórias

Enquanto o Ministério da Saúde vem priorizando os idosos e pessoas de baixa imunização para a vacinação das variantes da covid-19, as crianças estão sofrendo e, com isso, os casos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) pela doença vem aumentando. Segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), há crescimento de casos em quatro estados: Rio de Janeiro, Ceará, Amazonas e Paraíba, mas sem grandes impactos nas hospitalizações. Além disso, nos estados de Distrito Federal, Mato Grosso e Goiás, segundo a própria Fiocruz, cresceu em crianças e jovens entre 2 e 14 anos. No ano epidemiológico de 2025, já foram notificados 163.956 casos de SRAG, sendo 87.741 (53,5%) com resultado laboratorial positivo para algum vírus respiratório; 56.822 (34,7%) negativos e ao menos 8.757 (5,3%) aguardando resultado laboratorial.

Por mais que a covid-19 seja prioritária para idosos e imuno-primidos, outras parcelas da população também estão sofrendo com a doença e precisam também da vacina para aumentar a imunização. E os dados da

Fiocruz mostram isso.

Não adianta priorizar uma faixa etária em prol de outras, pois assim não se cria a bolha contra a doença. Parece até que já esqueceram de como foi na pandemia, com a vacinação em massa, com todas as faixas etárias, fazendo com que a doença não se alastrasse tanto pelo país.

A melhor forma de se combater doenças é justamente aumentando o quadro de pessoas imunizadas contra elas e, com esse aumento de SRAG, especialmente em crianças, mostra também que os pais não estão levando a sério o calendário de vacinação e muitas delas estão com ele defasado.

Culpar o governo pode ser uma solução, mas se o dever de casa não está sendo feito, não adianta trocar gato por lebre. Precisa as duas pontas se atestarem e fazerem o dever corretamente.

Um país mais justo e correto com o calendário de vacinação faz com que doenças diminuam e criem outros mecanismos para que combata os vírus de forma eficaz e consciente, e não apenas priorizando uma parcela da população em detrimento de outras.

Ardência em folhas

O Cerrado pulsa como um coração resiliente no centro do Brasil, vibrante, ameaçado, mas ainda pleno de vida. Essa savana tropical, muitas vezes ofuscada pela grandiosidade da Amazônia, abriga uma das faunas mais ricas e peculiares do planeta. E se o Cerrado pudesse falar, talvez sua voz seria a de um lobo-guará solitário, caminhando entre capins-dourados, sussurrando histórias de sobrevivência e resistência.

Lá, entre as veredas e chapadões, convivem seres encantadores: o tamanduá-bandeira, com seu passo elegante e olhar ancestral; o tatu-canastra, escavando memórias sob a terra vermelha; a onça-pintada, fantasma majestoso que, mesmo rarefeito, ainda vigia as matas galeria. Há também os pequenos protagonistas, como a ema, o seriema, o rabo-de-palha, e incontáveis insetos e aves que tingem o cerrado de sons e cores, como um poema ininterrupto.

Mas a fauna do Cerrado

não é mais a mesma de outrora. A expansão do agronegócio, a monocultura e os incêndios, muitos deles criminosos, seguem abrindo feridas profundas nesse bioma. Estima-se que mais da metade de sua vegetação nativa já tenha sido substituída. E com ela, as rotas migratórias, os ninhos, os corredores ecológicos dos animais também desaparecem.

Ainda assim, há esperança. Projetos de conservação vêm ganhando força, unindo ciência, comunidades locais e tecnologia. Câmeras de monitoramento capturam o andar tímido de um gato-do-mato-pequeno; satélites mapeiam o ressurgir da vegetação nativa; jovens biólogos replantam o futuro, árvore por árvore. A fauna do Cerrado resiste e insiste em nos lembrar de que proteger esse bioma é salvar uma parte essencial de nós mesmos. O Cerrado ainda canta. Que saibamos escutar sua música antes que o silêncio tome seu lugar.

Opinião do leitor

Rubinho brilha

Em sua temporada de estreia, Rubens Barrichello vence a Nascar Brasil 2025. Parabéns Rubinho! Merece a vitória por sua trajetória, garra e humildade. Sempre torci por ele. Orgulho do Brasil. Ícone do automobilismo mundial.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO PERUANO VIRA MILITAR

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de agosto de 1930 foram: Mais um governo reacionário cai na América do Sul e

generais peruanos dissolvem o Congresso Nacional. Comunistas chineses dominam as províncias de Kiang-Si e Fu-Klen. Governo espanhol

está satisfeito com a depreciação da peseta. Governo inglês publica memorando em defesa de sua gestão na Palestina.

HÁ 75 ANOS: FORÇAS INGLESES DESEMBARCAM NA COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de agosto de 1950 foram: Forças inglesas desembarcam na Coreia. Mais uma

proposta de Malik é derrotada no Conselho da ONU. Governo canadense cogita exploração de petróleo em mar aberto. Getúlio Vargas não

abre mão de escolher o companheiro de chapa. Dutra veta projeto do Congresso de restrição à profissão de advogado.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.